

**Francisco Verardi Bocca: resenha de *Winnicott e a Filosofia*, organizado por Caroline Vasconcelos Ribeiro e Eder Soares Santos**

**Ribeiro, C. V. e Santos, E. S. (ogs.), (2021). *Winnicott e a Filosofia*. São Paulo: DWWeditorial, 2021.**

**Francisco Verardi Bocca  
(PUC-PR)**

O livro-coletânea intitulado *Winnicott e a filosofia*, organizado por Caroline Vasconcelos Ribeiro e Eder Soares Santos, publicado em 2021 pela DWW editorial, começa acertando no título. Sucinto e preciso, toma um ponto de partida dos melhores para refletir um autor e o saber por ele instituído. Especialmente em se tratando de uma iniciativa de brasileiros, que tão bem soubemos recepcionar criticamente a psicanálise desde seus primórdios até os dias atuais, vale dizer, de Freud a seus pósteros.

Carolina e Eder foram afortunados também na concepção da obra, especialmente pelo time de colaboradores que a compõem, e na escolha da metáfora filosófica adotada para refletir a obra de Winnicott, a noção de clareira, emprestada de Heidegger e tão bem instrumentalizada em todos os capítulos. Como eles esclarecem na Apresentação, não se trata de investigar ou definir as relações efetivas ou presumidas que Winnicott estabeleceu ou teria estabelecido com a filosofia, com sua história ou com determinados filósofos – o que, aliás, por si só não seria irrelevante nem desinteressante.

Nem se trata apenas de estabelecer uma relação entre dois campos do saber tendo a obra de Winnicott como mero objeto de reflexão para um filósofo que dela se ocupe. Este poderia talvez eleger pontos de convergência, interesses comuns entre psicanálise e filosofia, que iriam da arte à política, da religião à ciência, da consciência ao inconsciente, enfim, tantos outros. Trata-se, porém, de algo mais. Como os próprios organizadores anunciam, trata-se de revelar o que a obra de Winnicott possibilita ou disponibiliza à filosofia e ao filosofar – ou, ainda mais, de como ela participa da reflexão filosófica. Foi assim, a partir da consideração da obra e do pensamento de Winnicott como um campo de indução e renovação de certas problemáticas filosóficas, que a adoção da metáfora da clareira foi justificada pelos organizadores.

Neste sentido, pode-se dizer agora, foi a potência filosófica de Winnicott que despertou nesse conjunto de autores interesse, atenção e destaque. Foi com esse ânimo que destacaram a

grande contribuição da sua obra, fazendo deste livro um brinde aos interessados em Winnicott no Brasil e no exterior. Trata-se, pois, de revelar e destacar sua potência filosófica ao criar uma clareira teórica que se manifesta não só entre psicanalistas, mas também na relação do filósofo e da filosofia da psicanálise com sua obra. Uma potência criativa que possibilita uma relação que não é linear e nem unidirecional, mas de mão dupla.

Na condição de resenhista, tomo a liberdade de apresentar uma alternativa ao termo *clareira*. Isso porque a potência de Winnicott, a meu ver, seria muito bem descrita pela expressão “buraco negro”. Expressão que tomo no melhor de seu sentido, o de manifestar a potência de exercer forte atração, de criar um campo magnético que impõe e organiza a reflexão filosófica, por exemplo, sobre a condição humana – notadamente devido à sua teoria do amadurecimento, que, segundo os organizadores, nutre dilemas filosóficos como “os caminhos que o possibilitam”, “as expectativas em relação ao seu acontecimento” e, especialmente, “como nos posicionamos em relação a seus resultados”. Tanto quanto iluminar ou atrair a reflexão filosófica, sua obra a provoca na medida em que a realiza. É uma reflexão que expõe a raiz da noção de evolução – mais precisamente, da existência do ser e do seu fazer – e assim contribui para dilemas filosóficos clássicos debatidos desde Platão e Aristóteles e que sustentam as ciências da vida, como, por exemplo, a epigênese e a pré-formação. Voltarei a elas adiante.

Dentre seus brilhantes capítulos, o leitor encontrará no de Elsa Oliveira Dias uma sustentação do caráter paradigmático da obra de Winnicott, sempre fértil para compreendermos a história do desenvolvimento das psicanálises. Destarte, se para Freud a “escolha da neurose”, evidentemente inconsciente, implicava sua comunicação verbal, Zeljko Loparic, vislumbrando o lugar do não verbalizável, define o pensamento de Winnicott como agônico e o situa no campo da filosofia contemporânea.

Ponto de vista que recebeu contribuição de Caroline Vasconcelos Ribeiro, ao mostrar que tanto Winnicott como Heidegger, o primeiro no nível ôntico e o segundo no nível ontológico, desconstruíram a ideia de que o acesso à realidade é operado exclusivamente pelos recursos cognitivos e mentais. Já o caráter primordial do relacional ganhou contribuição decisiva no capítulo de Eder Soares Santos, no qual destacou questões filosóficas de grande profundidade na psicanálise winnicottiana, como a distinção entre a questão heideggeriana *do ser* e a questão winnicottiana *de ser*, revelando uma ontologia própria ao conceber como o indivíduo chega-a-ser para tornar-se capaz de colocar a questão de seu sentido. O livro segue com Philippe Cabestan, Alfredo Naffah Neto, Carlos Motta, Suzi Piza e André Martins, todos refletindo temas e problemas filosóficos a partir de Heidegger, Merleau-Ponty, David Hume e Spinoza, mostrando exhaustivamente o potencial filosófico da obra de Winnicott.

Para melhor explicitar esse potencial, sem implicar detrimento dos demais, me dedicarei ao capítulo de Irene Borges-Duarte, intitulado *O primado do relacional em Winnicott: A leitura de André Green*. O motivo, além de todos os méritos evidentes, é o destaque que a autora dá ao caráter primordial do relacional. Caráter que, como ela insiste, distingue Winnicott de Freud, especialmente quanto à relação do bebê com a realidade. A autora também se dedica, apoiada em Green, a tratar dos temas da organização, unidade e integração do *self*, além do alojamento da psiquê no corpo.

Borges admite que a distinção de Winnicott, embora não exatamente numa relação incomensurável em face de outros psicanalistas, é sua recusa dos essencialismos e substancialismos tradicionalmente ligados à noção de natureza humana, que ele tomou em sentido evolutivo, acentuando o papel do entorno ambiental. Segundo ela, e Green, Winnicott teria libertado o humano do vínculo biologista (dominante em Freud) ao conceber o processo de desenvolvimento individual como iniciado muito antes da fase edípica.

Vejo nesse argumento um partido teórico que traz consigo a noção de “jogo”. Mais uma novidade em relação a Freud, e que encontra eco na filosofia de Georges Canguilhem, que, em sua crítica à Psicologia igualmente repudiou a fixidez e a predeterminação como responsáveis pelo plano opositivo e conflitivo, desde o início, do embate entre indivíduo e realidade. Lembro que, também de um ponto de vista evolutivo, Canguilhem reconheceu um tipo de *polaridade dinâmica* entre organismo e meio que pode ser aplicada ou reconhecida na relação do bebê e sua mãe.

Como se vê, a importância primordial da realidade externa no desenvolvimento do bebê põe em questão a própria noção freudiana de pulsão, uma vez que, se há uma para Winnicott, ela nem se conserva nem se exaure, mas se expande. Levando isso em conta, o *self* de cada um, tal como concebido desde a modernidade e endossado por Freud, não se constituiria por distinção do outro, por um teste de realidade que cinde a relação sujeito/objeto em polos sempre opostos e conflitivos. Portanto, o *self* não se parece com um *Ego*, não é sujeito de ação ou ponto de partida de sua ação, embora haja nele espontaneidade.

Retomando a noção de jogo, é por seu meio que se estabelecem para o bebê as pontes com seu próprio corpo e com outros corpos. Neste caso, as noções de integração e de normatividade se avizinham, pois integrar é também criar normas, produzir ordens – tudo segundo uma capacidade de integração e amadurecimento que resta resiliente a ponto de se apresentar sempre disponível tanto a avançar como a retomar. Graças à noção de jogo, o *self* acaba sendo mais do que a expressão do indivíduo, a expressão de sua singularidade.

Esta remete a uma das questões filosóficas mais importantes e ainda pouco exploradas em Winnicott, a saber, o caráter primordial do ponto de vista relacional. Confrontá-la com a noção canguilhemiana de *vivant* como organismo que estrutura seu meio enquanto se estrutura projetaria, creio, mais luz na clareira. Nessa condição, em lugar de adaptação ou submissão, segundo Canguilhem, em um organismo vivo normativo, viver é preferir e excluir, é operar em seu meio por escolhas e renúncias. Noção que ele ilustrou, entre outras oportunidades, em *Le normal et le pathologique* – ao declarar que “a vida busca vencer a morte, em todos os sentidos da palavra vencer e, antes de tudo, no sentido de que ganho é o que se adquire através do jogo. A vida joga contra o aumento da entropia” (1966, 224) – ampliando o coro dos que recusam a designação mortífera da pulsão e, por extensão, da vida.

Correlata da noção filosófica de valor, a noção de jogo, a exemplo da “tendência à integração” winnicottiana, mais do que apenas jogar contra a inércia do mundo físico e sua entropia, indica que um organismo vivo cria normas em seu meio enquanto joga, de modo que o viver oportuniza e requer uma criação de normas resultantes do desempenho dos jogadores, vale dizer, da acolhida que sua expansão recebe. E neste caso, o recurso à noção de mãe suficientemente boa de Winnicott não poderia ser mais afortunado.

Como visto, a noção de *vivant* e de organização normativa releva uma tática que lhe possibilita estabelecer relações com o meio expandindo e retraindo seu raio de ação, sustentando e renovando constantemente qualidades adquiridas e capacitantes para a vida. Desse modo, entende-se melhor agora a tese de que um organismo estrutura o meio enquanto é estruturado por ele, sendo que a reciprocidade de determinações se dá em sua relação não conflitiva com o exterior. Assim, a tática da vida que relaciona organismo e meio ambiente pressupõe expansão e interdependência normativas, o que se manifesta sob a forma de produção de valores que, em sua efetivação, consiste na produção de singularidades.

Sendo este um dos problemas fundamentais que se colocou à razão, pode ser equacionado pela suposição de que os membros de uma sociedade, a começar pelo bebê no colo da mãe, possam estabelecer entre si, como os organismos vivos normativos, uma relação evolutiva por “polaridade dinâmica” (1966), como disse Canguilhem, exercitando seu agir normativo, recuperando a vitalidade que Canguilhem postulou como essencial à consciência humana, e exercendo uma posição inconsciente de criação de valor relacional.

Ainda explorando o campo de problemas filosóficos frequentado por Winnicott, encontramos a noção de *epigênese* de J. P. Changeux, que não é nem disruptiva nem continuísta, mas normativa. Ela é aquela que, como em Winnicott e Canguilhem, abandona as formas de ser fixas, imutáveis, predeterminadas, vale dizer, o modelo de um mundo orgânico fixo e

predeterminado, opondo-se à *pré-formação* e ao destino fatalista que Freud preconizou para a civilização. De um ponto de vista evolutivo, em *O verdadeiro, o belo e o bem: Uma abordagem neuronal*, Changeux, à maneira de Winnicott e Canguilhem, anuncia uma epigênese de inspiração darwiniana ao postular de início uma interação entre uma fonte de variação interna e uma validação externa, que apresenta, segundo ele, “um jogo entre uma atividade nervosa espontânea, exprimindo-se em direção ao meio, e ao retorno dessa atividade que valida, ou não [...]” (2008, p. 173). Desse modo, para Winnicott, Canguilhem e Changeux – o relacional, o normativo e o epigenista – não se trata de conceber a “natureza” em sentido biológico, nem a interioridade fixa individual, mas de acentuar o papel do entorno ambiental, considerando primário o caráter relacional dessa “natureza”. E foi esse mesmo caráter que permitiu a Changeux conceber o homem e seu cérebro como produtos da evolução tanto biológica como social.

Para além disso, Borges concebeu a distinção de Winnicott como resultado de mudanças de forma moderadas, sem chegar a assumir que entre a psicanálise tradicional e a psicanálise winnicottiana tenha ocorrido uma mudança de paradigma no sentido de Thomas Kuhn e de Zeljko Loparic. O que já é uma outra discussão intrigante que o livro propõe.